

ESTAMOS VINDO OU INDO? UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DOS VERBOS DE MOVIMENTO 'VIR' E 'IR' EM INGLÊS E PORTUGUÊS

Feryal Yavas

Pós-graduação em Linguística e
Letras da PUCRS

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Um dos mais calorosos debates no campo de lingüística aplicada refere-se ao papel da Análise Contrastiva (AC) para fins pedagógicos. A década de 60 foi o tempo áureo da AC, mas, desde o início da década de 70, o pêndulo tem-se inclinado na direção oposta, diminuindo, em muito, o entusiasmo e apoio por ela. A AC tem sido criticada em termos de seus dois componentes — lingüístico e psicolingüístico. Argumentou-se, por exemplo (Wardough, 1970, Whitman, 1970, Corder, 1973), que os modelos lingüísticos atualmente disponíveis não são suficientemente avançados para possibilitar uma comparação abrangente de todos os aspectos de duas determinadas línguas. Isto é especialmente óbvio na área de semântica. Do ponto de vista psicolingüístico, a premissa básica da AC, de que as diferenças entre as línguas materna e alvo levarão a dificuldades (e erros) no aprendizado desta, enquanto as semelhanças facilitarão a tarefa de aprendizagem, tem sido seriamente atacada. Mantém-se que as predições da AC nem sempre são precisas, pois muitos dos erros dos aprendizes não são devidos às diferenças entre as duas línguas; além disso, nem toda a diferença oferece dificuldades e erros (Lamendella, 1969, Nickel, 1971, Nemser, 1971, Corder, 1971).

Com todas as críticas lançadas contra ela, a maioria dos professores de língua estrangeira e pesquisadores no campo

* Este artigo foi escrito em inglês. Agradeço à professora Neusa Martins Carson a gentileza da tradução para o português.

ainda julga a AC um componente importante, embora restrito, do ensino e aprendizado de língua estrangeira. Ao invés de usá-la para prever as dificuldades e erros dos aprendizes, hoje a AC está sendo usada para classificar e explicar erros interlinguais dos alunos de língua, isto é, erros devido às diferenças entre a língua materna e a língua alvo. Portanto, a AC tornou-se uma parte integrante de uma abordagem mais inclusiva e global conhecida como Análise de Erros. Este trabalho está escrito no espírito dessa abordagem.

2. UM ESTUDO DE 'VIR' E 'IR' EM INGLÊS E PORTUGUÊS

Qualquer pessoa familiarizada com mais de uma língua percebe que os verbos de movimento 'vir' e 'ir' não se traduzem diretamente de uma língua para outra. Frequentemente, quando uma língua requer 'vir', 'ir' é usado na outra língua, no mesmo contexto. Embora exista tal disparidade, pouca atenção lhe tem sido dedicada na literatura; a análise semântica destes verbos é inexistente na maioria das línguas. Ainda assim a necessidade de tal análise é óbvia no terreno do ensino de línguas.

Observações pessoais sobre o uso dos verbos *vir* e *ir* no inglês dos brasileiros indicaram-me que poderiam haver algumas divergências sistemáticas do uso destes mesmos verbos por falantes nativos de inglês e que estas divergências poderiam ter por motivo a interferência da língua nativa. A fim de testar esta hipótese, decidi efetuar um estudo que consiste em duas partes. A primeira parte relaciona-se com a descrição e comparação de *come* e *go* e seus equivalentes em português *vir* e *ir*. Existe alguma literatura, embora limitada, com relação à *come* e *go* em inglês (Fillmore, 1971, Clark, 1974, Gathercole, 1976)¹; entretanto, tanto quanto sei, nada existe com relação a *vir* e *ir* do português. Para descobrir os determinantes semânticos destes verbos do português, foi dada uma lista de 46 orações a seis falantes nativos, educados, de português e eles foram solicitados a escolher entre *vir* e *ir* para cada oração. As orações foram apresentadas junto com contextos em que as mesmas poderiam ser usadas; a fim de assegurar que os contextos eram claros aos sujeitos, um exemplo concreto da vida real foi dado para cada um. Os contextos foram escolhidos para incluir movimento do ouvinte para o falante, do falante para o ouvinte, de uma terceira pessoa ao ouvinte, e distante do falante e do ouvinte. Outros fatores como se o falante e/ou o ouvinte acompanham ou não o que se move, e a extensão da participação do falante em uma dada situação (evento e/ou lugar) foram também levados em consideração. Com base no julgamento dos falantes nativos foi possível determinar os fa-

tores semânticos que governam o uso de *vir* e *ir* e, portanto, compará-los com os do inglês *come* e *go*.

A segunda parte do estudo ocupa-se com o problema da transferência lingüística. Como foi mencionado acima, parece haver alguns problemas no inglês de alguns brasileiros com relação a *come* e *go*. São esses problemas individuais ou 'nacionais' (como eles são às vezes chamados) devido à interferência da língua materna? Para se investigar esse fato, as mesmas 46 orações usadas na análise dos dados do português são dadas em inglês a 65 sujeitos, e para cada sentença os sujeitos foram solicitados a escolher entre *vir* e *ir*. Todos os sujeitos são falantes nativos do português que falam inglês como língua estrangeira. Os sujeitos estão divididos em três grupos: 1) os que têm bom domínio do inglês escrito e falado; nenhum dos sujeitos deste grupo está atualmente recebendo qualquer instrução formal em inglês e, de fato, a maioria deles é professor de inglês, 2) 8ª série avançada, e 3) 7ª série avançada.

Como esta parte do estudo ainda está em andamento, nem todos os resultados estão incluídos e/ou tabulados. Portanto, é prematuro retirar qualquer conclusão definitiva neste ponto. Entretanto, uma breve discussão dos resultados conseguidos até o momento será dado no final. A ênfase deste trabalho é, assim, na descrição e comparação do inglês *come* e *go* e o português *vir* e *ir*, respectivamente.

3. SEMÂNTICA DE COME E GO E VIR E IR

Analisaremos a semântica dos verbos em discussão em termos de pares de pressuposições e asserções.

Inglês

O primeiro uso de *come*, que consideraremos, envolve a pressuposição de que o lugar de referência (Pr) é o mesmo que o lugar do falante no momento do enunciado (Pu), e a asserção de que alguém (x)² move-se para Pr.

come I

pressuposição: Pr =/≠ Pu

asserção : x se move para Pr

Este uso de *come* é encontrado em enunciados como os seguintes; em cada caso o falante encontra-se no lugar de re-

ferência, isto é em (1) — (3) ele está em casa, e em (4) ele está à mesa.

- (1) Are you **coming** to my house now/tonight?
(Você vem a minha casa agora/hoje à noite?)
- (2) Mary is **coming** to my house now/tonight.
(Mary vem para a minha casa agora/hoje à noite.)
- (3) Please, **come** in.
(Entre, por favor.)
- (4) The **waitress** is coming to my table now.
(A garçonete está vindo para a minha mesa agora.)

Um segundo conjunto de condições que requerem **come** é como a primeira, com a diferença de que, desta vez, a pessoa a quem se fala está localizada no lugar de referência. Assim,

come II

pressuposição: Pr \neq Pa
asserção : x se move para Pr

- (5) May I **come** to your house now/tonight?
(Posso vir à sua casa agora/hoje à noite?)
- (6) Mary is **coming** to your house now/tonight.
(Mary está vindo para a sua casa agora/hoje à noite.)
- (7) I am **coming** in.
(Estou vindo para dentro.)
- (8) The waitress is **coming** to your table now.
(A garçonete está vindo a sua mesa agora.)

Um terceiro uso de **come** pode ser caracterizado do seguinte modo:

come III

pressuposição: a) Pr \neq Pu
Pr \neq Pa
b) S estará em Pr em Tr
asserção : y se move para Pr

Em outras palavras, este uso de **come** encontra-se nestes contextos onde nem o falante nem o ouvinte estão localizados no

lugar de referência no momento do ato da fala, mas pressupõe-se que o falante esteja lá no tempo de referência. A asserção é de que alguém diferente do falante se move para Pr. Por exemplo, (9) — (11) poderiam ser enunciadas quando o falante está localizado em seu escritório, e quando imagina-se que ele estará em casa (nos dois primeiros casos) ou na festa de John (na última oração) à tardinha.

- (9) Are you **coming** to my house tonight?
(Você vem a minha casa hoje à noite?)
- (10) Is Mary **coming** to my house tonight?
(Mary vem a minha casa hoje à noite?)
- (11) Is Mary **coming** to John's party tonight?
(Mary vem a festa de John hoje à noite?)

Um quarto conjunto de condições para **come** é semelhante ao anterior:

come IV

pressuposição: a) Pr \neq Pu
Pr \neq Pa
b) A estará em Pr em Tr
asserção : S se move para Pr

- (12) I am **coming** to the movies tonight.
(Estou vindo ao cinema hoje à noite.)
- (13) I am **coming** to John's party tonight.
(Estou vindo à festa de John hoje à noite.)

As orações (12) e (13) poderiam ser enunciadas quando, por exemplo, o falante e o ouvinte estão em seus escritórios e quando poderia imaginar-se que o ouvinte estará no cinema (como em (12)) ou na festa de John (como em (13)) naquela noite. É importante notar que aquele que se desloca deve ser o próprio falante; se o que se desloca é outra pessoa, o uso de **come** é inaceitável. Por exemplo, seria inapropriado enunciar (14) no mesmo contexto dado acima.

- (14) Is Mary **coming** to John's party tonight?
(Mary vem à festa do John hoje à noite?)

Há, entretanto, um fato interessante sobre o inglês a que Fillmore (1971) se refere como o fenômeno 'home base'. Se Pr é o 'home base' do ouvinte em Tr e o que se desloca é qualquer um, excluindo, é claro, o ouvinte, o uso de **come** é permitido. Portanto, (15) poderia ser enunciada com o mesmo conjunto de pressuposições que aqueles dados para (12) e (13).

- (15) Is John coming to your house tonight?
(John vem à sua casa hoje à noite?)

O fenômeno 'home base' também parece ser responsável pela aceitabilidade de **come** naquelas situações quando o falante ou o ouvinte não estava presente em Pr em Tr; portanto, (16) e (17) poderiam ser emitidos durante uma conversa no escritório do falante.

- (16) What a pity that you/John came to my house last night and I wasn't there. (Que pena que você/John veio a minha casa a noite passada e eu não estava lá.)

- (17) I/Mary came to your house yesterday, but you weren't home. (Eu/Mary veio à sua casa ontem, mas você não estava em casa.)

Parece desejável, então, que reconheçamos o fenômeno 'home base' com um conjunto separado de condições satisfatórias como as seguintes:

come V

pressuposição: Pr \neq 'home base' de S em Tr
asserção : y se move para Pr

come VI

pressuposição: Pr \neq 'home base' de A em Tr
asserção : z se move para Pr

Finalmente, temos que tomar em consideração o uso de **come** em contextos onde pressupõe-se que o falante ou o ouvinte acompanha quem se move. Aqui, não se requer que o falante ou o ouvinte esteja em Pr em Tr; é possível que ele possa ter um destino final diferente do indivíduo que se move, e desde que ele acompanhe o que se move, o uso de **come** é aceitável.

- (18) Are you coming with me?
(Você vem comigo?)

- (19) Is John coming in my car?
(John vem em meu carro?)

- (20) May I come with you?
(Posso vir com você?)

Podemos representar este uso de **come** com os seguintes conjuntos de condições.

come VII

pressuposição: a) Pr \neq Pu
Pr \neq Pa
b) S acompanhará o que se move
asserção : y se move para Pr

come VIII

pressuposição: a) Pr \neq Pu
Pr \neq Pa
b) A acompanhará o que se move
asserção : S se move para Pr

Duas coisas a serem notadas aqui: primeiro, quando **with me** ou **with you** está especificado abertamente, ou seja, quando está presente na oração, a diferença entre **come** e **go** fica neutralizada. Isto é, **come with me/you** e **go with me/you** têm as mesmas implicações. Isto é devido ao fato de que o que é pressuposto com **come** é declarado com **come with me/you**. Segundo, embora a formulação VIII, corretamente, não permite orações como a (21) nos contextos quando o falante não está indo acompanhar o que se desloca e não estará em Pr em Tr, existem, entretanto, casos como (22) e (23) que são totalmente aceitáveis nas mesmas condições, mesmo assim a formulação VIII não parece capaz de dar contas delas.

- (21) Is Mary coming with you?
(Mary vem com você?)

- (22) Can Mary come with you?
(Mary pode vir com você?)

- (23) Mary will come with you.
(Mary virá com você.)

Gathercole (1976) corretamente observa que a diferença entre (21) e estas orações está no fato de que, nesta, o falante está falando por Mary, pedindo permissão em nome dela ou tomando a decisão por ela. Portanto, o falante está intimamente envolvido com o ato de mover-se. Não se dá o mesmo em (21); aqui, o falante está plenamente distanciado da ação; (24) é como (21) neste respeito e, portanto, inaceitável.

- (24) John may be coming with you.
(John pode estar vindo com você.)

Parece, então, que orações como (22) e (23) em que uma terceira pessoa é vista como uma extensão do falante, constituem-se em um caso especial da formulação VIII.

As oito formulações dadas acima dão conta ao uso de *come* em inglês. Voltando-nos ao verbo *go*, vemos que seu uso apropriado depende das seguintes condições:

go I

pressuposição: a) $Pr \neq Pu$
 $Pr \neq Pa$

b) não-marcado ou marcado para ausência
asserção : x se afasta de Pu

go II

pressuposição: a) $Pr \neq Pu$
 $Pr \neq Pa$

b) não-marcado ou marcado para ausência

go III

pressuposição: a) $Pr \neq Pu$
 $Pr \neq Pa$

b) não-marcado ou marcado para ausência
asserção : x se move para Pr

As pressuposições analisadas em b) para *come*, especialmente, o que se move acompanha o falante/ouvinte em Pr em Tr, são ou não-marcados ou marcados pela sua ausência para o uso adequado de *go*. Os seguintes são exemplos destas três formulações.

- (25) Are you going to the movies now/tonight?
(Você vai ao cinema agora/hoje à noite?)
- (26) I am going to the movies now/tonight.
(Eu vou ao cinema agora/hoje à noite.)
- (27) Why don't you go into the building?
(Por que você não vai para o edifício?)
- (28) Mary is going to the movies now/tonight.
(Mary vai ao cinema agora/hoje à noite.)
- (29) Is Mary going to the movies with you now/tonight?
(Mary vai ao cinema com você agora/hoje à noite?)

(30) The waitress is going to that table now.
(A garçonete vai para aquela mesa agora.)

(31) May I go to your office and get my books,
(Posso ir ao seu escritório e apanhar meus livros?)

Português

O primeiro conjunto de condições para o verbo português *vir* é o mesmo que o de *come* I.

vir I

pressuposição: $Pr \neq Pu$

asserção : x se move para Pr

Assim, a tradução das orações (1), (2) e (4) para o português emprega *vir* exclusivamente (mais uma vez, o contexto é aquele em que o falante está localizado em Pr).

(32) Você vem a minha casa agora/hoje à noite?

(33) A Maria vem a minha casa agora/hoje à noite?

(34) A garçonete vem vindo para minha mesa.

Para casos como (3) o português usa um terceiro verbo *entrar*; entretanto, se tivesse que se escolher apenas entre *vir* e *ir*, a escolha estaria, sem dúvida, com o primeiro.

Afora isto, parece não haver contexto que exija exclusivamente *vir* em oposição a *ir* em português. Portanto, continuaremos com aqueles contextos em que o uso de *vir* é meramente preferido, em um maior ou menor grau, mantendo na Idéia que *ir* sempre é possível sob as mesmas circunstâncias. Um desses contextos pode ser caracterizado pelo seguinte conjunto de condições.

vir II

pressuposição: a) $Pr \neq Pu$

b) S e A acompanharão o que se move

asserção : w se move para P

Isto pode ser exemplificado pelas seguintes orações enunciadas num contexto em que se imagina que tanto o falante como o ouvinte acompanharão a terceira pessoa.

(35) A Maria **vem** a tua casa (conosco)?

(36) A Maria **vem** ao cinema (conosco)?

Três coisas devem ser apontadas aqui; parece que a iminência do movimento é um fator importante na escolha de **vir** em vez de **ir**. Se o horário de ir ao cinema em (36) é hoje à noite ou amanhã em vez de agora, os falantes nativos unanimemente escolhem **ir**. Em segundo lugar, o uso de **conosco** é obrigatório para alguns falantes em orações como (35) e (36), o que sugere que um entendimento implícito de acompanhamento não é uma condição suficiente para o emprego de **vir**. Em terceiro lugar, deve ser enfatizado que apenas o acompanhamento do falante com o que se move, sem o ouvinte, não é suficiente para **vir**; em tais situações a escolha é quase unanimemente **ir**.

Outro conjunto de condições sob as quais alguns falantes preferem usar **vir** é a seguinte:

vir III

pressuposição: a) Pr \neq Pu

b) S acompanhará o que se move

asserção : A se move para Pr

Por exemplo, (37) e (38) poderiam ser emitidas quando o falante está por sair de seu escritório para casa ou para o cinema.

(37) Você **vem** a minha casa (comigo)?

(38) Você **vem** ao cinema (comigo)?

Como é o caso com **vir II**, aqui, também o tempo do movimento parece ser um fator crucial, pois as orações acima são aceitáveis apenas quando o movimento está por ocorrer e não em horário mais tarde, como hoje à noite. Também, novamente, alguns falantes não aceitam orações (37) e (38) sem **comigo**.

Finalmente **vir** é preferido, por alguns falantes pelo menos, sob as seguintes condições.

vir IV

pressuposição: a) Pr \neq Pu

b) S estará em Pr em Tr

c) S está totalmente envolvido com o Pr ou com o evento em Pr

asserção : y se move para Pr

A pressuposição c) significa que ou o falante é o possuidor/

ocupante de Pr (por exemplo Pr está em sua casa, loja etc.) ou ele está muito intimamente envolvido com o evento que terá lugar em Pr em Tr. Por exemplo, imagine a seguinte situação: o falante é o presidente do diretório estudantil e ele organizou uma reunião que terá lugar hoje à noite. O falante naturalmente estará na reunião. Indo para a aula ele vê um amigo e pergunta:

(39) Você **vem** à reunião?

Ou tome-se o caso de um falante que está dando uma festa e pergunta a seu amigo se ele vem ou não.

(40) Você vem à festa?

Voltando nossa atenção para **ir**, verificamos que dois conjuntos de condições satisfazem o uso deste verbo em português. Estes são dados abaixo.

ir I

pressuposição: Pr \neq Pu

asserção : y se move para Pr

ir II

pressuposição: Pr \neq Pu

asserção : x se move de Pu

Isto é, desde que o movimento seja afastando-se do falante ou em direção a um lugar onde o falante não está, **ir** pode ser escolhido. Como vimos acima, alguns fatores adicionais (por exemplo o falante e o ouvinte acompanham aquele que se move) podem tornar o uso de **vir** igualmente possível, ou mesmo mais provável; entretanto, mesmo sob estas circunstâncias, **ir** é sempre possível. Os seguintes são exemplos de **ir** em Português.

(41) Posso **ir** a tua casa agora/hoje à noite?

— O ouvinte pode estar ou não localizado em Pr em Tr. —

(42) Estou **indo**.

— O ouvinte pode estar ou não localizado em Pr. —

(43) O garçom está **indo** para aquela mesa.

(44) Você vai a minha casa agora?

— Pr = Pu e o falante pode ou não acompanhar o ouvinte. —

(45) A Maria vai a tua casa hoje à noite?

— O falante pode estar ou não em Pr hoje à noite. —

(46) A Maria **vai** ao cinema (contigo) agora/hoje à noite?

(47) Ele está **indo**.

— Pr = Pu e o ouvinte pode estar ou não dentro. —

4. DISCUSSÃO

Parece que tanto em inglês como em português (e, provavelmente, em outras línguas, também) movimento em direção onde o falante está situado, ao tempo do ato da fala, é sempre expresso com *vir* e qualquer movimento afastando-se da localização do falante ao tempo do enunciado é expresso com *ir*. Algumas diferenças importantes, no entanto, existem entre as duas línguas.

Português percebe o falante como o único centro deítico; isto é, todos os movimentos são vistos ou julgados em relação ao falante. Inglês, por outro lado, pode freqüentemente selecionar o ouvinte como o centro deítico. Esta diferença se reflete, por exemplo, no uso de *ir* em português mas *come* em inglês naquelas situações onde alguém se move na direção em que o ouvinte está localizado (cf. *May I come to your house?* em oposição à *Posso ir a tua casa?*).

Em inglês, a presença do falante em Pr em Tr é um fator crucial na escolha entre *come* e *go*. Em português, entretanto, isto é consideração mínima, se de fato existe. Será lembrado que em português requer-se um fator adicional — o envolvimento do falante com o Pr ou com o evento — é exigido, para usar-se *vir* e, mesmo assim, nem todos os falantes usam *vir*.

Observa-se outra dessas diferenças quando o falante acompanha aquele que se desloca. O acompanhamento é um forte fator em inglês, mas não tanto em português. Portanto, enquanto em inglês só é possível *Are you coming to the movies?* quando pressupõe-se que o falante acompanha o ouvinte, em português, apenas para alguns falantes, ambos *Você vem ao cinema?* e *Você vai ao cinema?* podem ocorrer; muitos falantes somente admitem a última construção.

Tais diferenças, bem como as semelhanças, são importantes quando se trata do ensino de línguas. É crucial que as diferenças e as semelhanças entre o inglês *come* e *go* e português *vir* e *ir* sejam entendidas quando os falantes de português aprendem inglês (ou vice-versa). Na ausência de um tal entendimento, seria apenas natural se os aprendizes empregam os verbos em questão de acordo com as restrições semânticas presentes para os mesmos verbos em sua língua nativa. Pode-

se até mesmo argumentar que os erros observados na fala dos aprendizes em tais situações não são de fato devidos à interferência da língua materna, mas devidos, simplesmente, à ignorância ou ao conhecimento inadequado da língua alvo. (Ver Newmark e Reibel (1968) sobre a teoria da ignorância).

O propósito deste trabalho (e de todo o estudo) foi chamar a atenção dos professores e alunos de inglês para as diferenças encontradas entre as duas línguas em relação a estes verbos. Espera-se também que este trabalho seja de auxílio àqueles que estão a par das diferenças, mas acham difícil apontar, exatamente, onde se encontram elas.

Dos resultados obtidos até agora na segunda parte do estudo, parece que o uso de *come* e *go* no inglês dos sujeitos é principalmente governado por fatores semânticos subjacentes ao uso adequado em português de *vir* e *ir*. Por exemplo, dentre 19 alunos de 8ª série avançada, 17 escolheram o verbo *go* em um contexto em que o ouvinte está localizado em Pr e o falante se desloca para Pr. Isto é, 17 responderam com a oração inaceitável *May I go to your house now?* Da mesma forma 8 dentre 11 sujeitos do 1º grupo (falantes fluentes) escolheram *ir* no mesmo contexto. Conforme vimos acima, uma das principais diferenças entre inglês e português reside no fato de que em inglês, mas não em português, o destinatário pode ser o centro deítico. Os resultados até agora sugerem que a maioria dos sujeitos não observa esta diferença quando fala inglês. Somente em casos como *I am coming in* ('Eu estou entrando'), em resposta a *Please, come in* ('Por favor, entre'), é que a maioria dos falantes, corretamente, escolheu *come*. (Somente 2 de 19 alunos de oitava série responderam com *go*). Isto indica que tais orações são aprendidas como conjuntos de orações ou como um todo e, portanto, elas não deveriam levar à crença de que o aprendiz internalizou a regra em questão.

Como nem todos os resultados da segunda parte do estudo já estão computados, eu hesito em retirar quaisquer generalizações conclusivas neste ponto; o relatório dessa parte deve aguardar outra ocasião.

NOTAS

1 O embasamento teórico deste trabalho é dado por Gathercole (1976) onde ela compara 'vir' e 'ir' em quatro línguas, entre as quais o inglês, mas não o português, está incluído.

2 Usarei as seguintes variáveis:

- x pode ser substituído por qualquer pessoa
- y pode ser substituído por qualquer pessoa menos o falante
- z pode ser substituído por qualquer um menos o ouvinte
- w pode ser substituído por qualquer um menos o falante e o ouvinte

3o fato de que para alguns falantes nativos o uso de **come** ('vir') em frases como:

- a) Are you **coming** to my house tonight?
(Você vão a minha casa hoje à noite?)
- b) Can I **come** to your house tonight?
(Posso vir a sua casa hoje à noite?)

implica que o falante ou o ouvinte (em a) e b), respectivamente) estará em casa à tardinha. Isto sugere que o fenômeno 'home base' pode não ser uma forte condição em inglês.

Referências

- CLARK, E. (1974) "Normal States and Evaluative Viewpoints". *Language* 50, 316-332.
- CORDER, S. P. (1971) "Idiosyncratic Dialects and Error Analysis". *IRAL* 9, 147-159.
- CORDER, S. P. (1973) *Introducing Applied Linguistics*. Penguin.
- FILLMORE, C. J. (1971) *Santa Cruz Lectures on Deixis*. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club.
- GATHERCOLE, V. (1976) "A cross-Linguistic Study of the Comings and Goings of the Speakers of Four Languages" ms.
- LAMENDELLA, J. T. (1969) "On the Irrelevance of Transformational Grammar to Second Language Pedagogy". *Language Learning* XIX, 255-270.
- NEMSER, W. (1971) "Approximative Systems of Foreign Language Learners". *IRAL* 9, 115-123.
- NEWMARK, L. & D. Reibel (1968) "Necessity and Sufficiency in Language Learning". *IRAL* 6, 145-161.
- NICKEL, G. (1971) "Problems of Learner's Difficulties". *IRAL* 9, 219-227.
- WARDHAUGH, R. (1970) "The Contrastive Analysis Hypothesis". *TESOL Quarterly* 4, 123-130.
- WHITMAN, R. L. (1970) "Contrastive Analysis: Problems and Procedures". *Language Learning* XX, 191-197.